



A importância da insubmissão literária

Começa a envelhecer a mulher mais bela do mundo,
de Sebastião Nunes

Antonio Ricardo Ribeiro Cidade*

Em *Começa a envelhecer a mulher mais bela do mundo* (2017), Sebastião Nunes reúne 35 crônicas originalmente publicadas no jornal *GGN*. Em cada uma delas, o leitor se depara com monólogos e diálogos em cenas improváveis, mas possíveis, envolvendo os grandes nomes da cultura ocidental. Escritores, poetas, compositores, líderes revolucionários, atores, cantoras, personagens literários e míticos, pintores, políticos, estão todos lá, à disposição da imaginação sem freios do autor mineiro, que completa cinquenta anos de atividade literária.

Mistura calculada de realidade e ficção, os textos apresentam cenas cirurgicamente enquadradas, que permitem ao leitor flagrar os personagens em seus momentos privados, íntimos, livres de censura. De linguagem simples, as narrativas mostram toda sua sofisticação na elaborada teia de intertextualidades da composição. Mantendo um diálogo constante com as histórias de vida dos famosos personagens, incorporam trechos de biografia, poemas, letras de canções e até documentos históricos.

Assim, em “De como, em 1531, o miúdo Luís Vaz de Camões morreu no terremoto de Lisboa”, Sebastião Nunes inclui textos

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

do século XVIII em que a tragédia é relatada por uma testemunha ocular. Já em “Che Guevara e Ernest Hemingway jogam xadrez no Banco Nacional de Cuba”, o Comandante tenta convencer o escritor americano de que o interesse da maioria deve prevalecer sobre o individual. “Como saber quando o coletivo é superior ao individual?”, pergunta Hemingway. “Esse é o meu drama e a minha angústia”, completa. No intuito de ajudar o amigo a esclarecer a dúvida, Che Guevara tira um livro da estante e lê um trecho que havia escrito descrevendo uma situação dramática vivida durante a guerrilha de Sierra Maestra. O texto citado foi, de fato, escrito por Che Guevara, e consta dos *Escritos y discursos*. Sebastião Nunes se apropria de outros textos para ressignificá-los por meio de uma escrita que utiliza a paródia, o humor e a ironia, sem se deixar seduzir pela literatura de entretenimento. Cada crônica convida o leitor a refletir sobre um determinado tema: racismo, corrupção, homofobia, violência gratuita, vaidade, poder da poesia, solidão, política, sexo e arte são algumas das questões examinadas.

Na crônica que dá título ao livro, Páris, dessacralizado pela escrita paródica de Sebastião Nunes, e na iminência da queda de Troia, ao ver, “na loura cabeça da amada, inúmeros fios argênteos permeando o ouro intenso”, reflete se teria valido a pena trocar “a pacífica vida dos troianos pela guerra interminável” somente pela vaidade de possuir a mulher mais bela do mundo. Além da deliciosa paródia estilística da *Ilíada*, a crônica testa os limites do amor e da vaidade: “Resistirá Penélope ao assédio de 100 pretendentes à sua mão e ao trono?”, indaga-se Ulisses, dez anos longe de casa. “Voltarei a vê-los e a recuperar o poder?”.

Em “Machado de Assis colhe versos no túmulo de Carolina”, o escritor segura um buquê de flores, que deposita sobre a sepultura

da falecida esposa. É quando lhe vem à cabeça um famoso verso de Camões. Estimulado pela lembrança, inicia ali mesmo a composição daquele que será seu último soneto: o célebre “A Carolina”, que abre a coletânea de contos *Relíquias da casa velha*, primeiro livro publicado após a morte da companheira. A técnica narrativa utilizada é o monólogo narrado, que faculta ao leitor acesso aos processos mentais do personagem enquanto compõe o soneto, pegando Machado, por assim dizer, “com a mão na massa”. A cena exterior, fúnebre, pesada e melancólica, em que o autor, no final da vida, visita o túmulo da mulher amada, contrasta com o entusiasmo no interior de sua mente, toda empenhada em achar os versos perfeitos para o soneto de despedida do grande amor de sua vida. Velho, solitário e doente, cercado de morte por todos os lados, ainda brilha interiormente, iluminado pela chama dionisíaca da criação. A narrativa avança e, diante do primeiro quarteto do soneto em gestação, o bruxo do Cosme Velho não se contém e chora de emoção ante sua criação. Revigorado pelo poder da poesia, já não se importa com as dores da velhice. Após refletir sobre o romantismo – que, no fundo, todo mundo guardaria na alma –, fiel à sua veia irônica, termina parodiando seu próprio personagem, Quincas Borba: “Ao perdedor, as cascas das batatas!”

Como tentativa possível de uma arqueologia da corrupção, em “JK, Chateaubriand e Zé Maria Alkmim divagam sobre a construção de Brasília”, a narrativa sai em busca das origens da roubalheira institucionalizada que grassa em nosso país. “Será o paraíso para quem trabalha”, exalta Juscelino, pensando na geração de empregos. “E para quem rouba”, “E para os espertalhões”, acrescentam os amigos. Chegam à conclusão de que o roubo é inevitável em qualquer grande obra. “Quem não rouba não faz. A regra é essa”, diz Chatô. Zé Maria aceita a ideia, mas objeta, profetizando os dias

atuais, que “construir obra gigantesca a toque de caixa e sem controle rígido não será transformar corrupção em esporte nacional”. Convencido pelo otimismo de Juscelino e principalmente pelas promessas de benesses futuramente advindas da obra faraônica, Chatô declara, entusiasmado: “Sempre pensei grande. Primeiro mundo e corrupção em grande escala, aqui vamos nós!” Será que finalmente chegamos lá?

A literatura e o conflito de gerações é o tema de “Debaixo do pijama azul, uma camisa do Fluminense respingada de vômito”. A vitória do modernismo como novo paradigma da arte é narrada do ponto de vista da geração derrotada, representada pelo poeta e ícone da poesia parnasiana Coelho Neto. Amargurado, decrépito e doente, Coelho Neto queixa-se de não ser lido por mais ninguém. Como se não bastasse, depois de escrever mais de cem livros, ainda é apontado na rua como o pai do Preguinho, o famoso artilheiro do Fluminense. “Fragil caniço pensante”, o Príncipe dos Prosadores Brasileiros é um “cadáver à beira do túmulo”. Os amigos se esforçam por animá-lo. Mas em vão. “Foi a Semana de Arte Moderna que desgraçou a vida dele”, acusa a esposa de Coelho Neto, dona Gabi. “Aqueles moleques de São Paulo”. “Eles desmoralizaram o Neto”, continua. “Nunca esquecerei o que o esnobe do Oswald escreveu no prefácio do *Serafim Ponte Grande*: ‘O mal foi eu ter medido o meu avanço sobre o cabresto metrificado e nacionalista de duas alimárias: Bilac e Coelho Neto’. Alimária, veja só!” Mais tarde, sentado na poltrona, o último dos helenos repensa a vida a partir de hipóteses impossíveis: “Toda nova geração destrói a geração anterior. Se pelo menos eles não me tivessem escolhido, a mim, como seu inimigo! Se ao menos...” São seus últimos pensamentos. Morre, vítima de um ataque fulminante. Alheios ao drama do velho poeta, Oswald de Andrade e Guilherme

de Almeida se divertem com a notícia da morte no jornal: “Veja só, Guilherme, a remota alimária bateu as botas”. Guilherme de Almeida, lendo a nota de falecimento no jornal, comenta: “Isso é que é gastar cera com defunto ruim!” Para eles, observa o narrador, “jovens revolucionários atores do novo mundo”, pouco importava a morte de um velho decadente e decrépito.

Todas as crônicas, fluidas e diretas, ganham uma agilidade extra pelo emprego da técnica da montagem cinematográfica. Cada crônica se subdivide em pequenos capítulos, que funcionam como cenas separadas. Alternadas ou justapostas, as imagens trazem para o texto a velocidade das montagens do cinema. Caracterizada pela “descontinuidade cênica” e pela “tentativa de simultaneidade”, a técnica cinematográfica, segundo Antonio Candido, foi lançada em nosso romance por Oswald de Andrade. E aqui podemos dizer que Sebastião Nunes se filia à tradição modernista pelo que ela tem de experimental, inovadora, de repúdio às fórmulas consagradas e de vocação para atacar o *establishment*.

Desde sua estreia, em 1968, com *A última carta da América*, já são mais de 20 títulos, entre prosa e poesia, em que a experimentação radical com a linguagem se alia a um discurso que denuncia a hipocrisia das relações sociais. Na contramão da cultura estabelecida, lançou, em 1998, o *Decálogo da classe média*, enviado dentro de uma miniatura de caixão para 120 escritores e intelectuais. Em 2013, recusou convite para participar da FLIP, por considerá-la “uma festa midiática de classe média”. É autor, ainda, de *Somos todos assassinos*, uma dura crítica ao mundo da publicidade. *Começa a envelhecer a mulher mais bela do mundo* é um livro diferente de tudo o que fez antes, mas alicerçado na mesma ousadia artística que tem pautado sua carreira de poeta e prosador há meio século.

Vale notar, por fim, que quanto mais cabedal literário tiver o leitor, mais proveito poderá tirar da leitura das crônicas. Afinal, faz toda diferença conhecer a *Ilíada* na hora de esculpir, com a imaginação, a bela Helena. Ou saber que a frase parodiada por Machado de Assis no fim da crônica que analisamos acima é proferida por um personagem do próprio escritor, que diz: “Ao vencedor, as batatas!” O receptor tem, portanto, papel ativo na construção, cabendo-lhe, entre outras funções, mobilizar os dados que não se encontram no texto, e sim em sua bagagem cultural. Misto de arte e reflexão, o livro de Sebastião Nunes une vigor de imaginação e rigor formal. O resultado é uma prosa inteligente e provocativa, que mostra o humano naquilo que tem de melhor e de pior, e que, por fim, vem atestar a saúde da produção ficcional contemporânea.